

## O Conflito no Iêmen



3 DE DEZEMBRO

**AUTORAS:**

**Mibsan Pereira dos Santos**  
**Priscila Cândido de Amorim**

**Comentado [AL1]:** A imagem para mim está aparecendo desconfigurada. É assim mesmo? Tem como ajeitar?

---

## 1 Introdução

Um dos países mais pobres do Oriente Médio, o Iêmen está há quatro anos enfrentando uma guerra civil com consequências devastadoras. Além de uma grave crise de desabastecimento que já levou mais de oitenta e cinco mil crianças menores de cinco anos à morte (SAVE THE CHILDREN, 2019), o país ainda enfrenta um grave surto de cólera, consequência da destruição do sistema de saúde do país por conta dos conflitos.

O grupo conhecido como houthi forçou o exílio do presidente iemenita Abdrabbuh Mansour Hadi e tem o controle da capital, Sanaa, e de algumas regiões ao norte. Contudo o restante do país enfrenta um vácuo de poder que vem sendo ocupado pela Al Qaeda da Península Árabe (AQPA), considerada por muitos como a mais perigosa versão do grupo extremista que existe atualmente.

Enquanto a população civil amarga as consequências do conflito, o país se vê em meio aos interesses de potências estrangeiras, em especial Irã e Arábia Saudita, que objetivam manter o Iêmen sob sua área de influência.

## 2 As origens do conflito

A crise no Iêmen deita suas raízes na Primavera Árabe de 2011, quando uma revolta popular forçou o então presidente Ali Abdullah Saleh a deixar o cargo, que foi assumido pelo seu vice, Abdrabbuh Mansour Hadi. Na época, muitos analistas supuseram que uma transição pacífica levaria a região a uma maior estabilidade, mas Hadi enfrentou uma série de problemas, como ataques da Al-Qaeda, movimentos separatistas no sul do país, denúncias de corrupção, desemprego, insegurança alimentar e o fato de muitos militares permanecerem fiéis a Saleh (BBC, 2019).

Em julho de 2014, sob pressão do Fundo Monetário Internacional, Hadi retirou todos os subsídios sobre o preço combustível. Os houthis se aproveitaram dessa medida impopular para ganhar apoio da população, organizando protestos que exigiam a venda de combustíveis a preços menores e um novo governo. (LAUB, 2015) Em setembro de 2014, os houthis invadiram a capital Sanaa ocupando diversas ruas e montando acampamentos. Em janeiro do ano seguinte, eles cercaram o palácio presidencial, obrigando Hadi a fugir e se instalar em Aden. A partir de então, os houthis tentaram assumir o controle do país, fazendo com que Hadi fugisse do Iêmen e se exilasse na Arábia Saudita (BBC, 2019). Ele ainda é reconhecido como chefe do executivo pela comunidade internacional.

O rápido sucesso do movimento rebelde alarmou os países sunitas da região e em março de 2015, a Arábia Saudita, juntamente com Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Bahrein, Sudão, Egito, Jordânia,

---

Marrocos e Catar (que permanece até 2017), apoiados pelos Estados Unidos, França e Reino Unido, formaram a chamada “coalizão saudita.” Esta coalizão lança a sua primeira operação, chamada *Operation Decisive Storm*, que tinha por fim atacar os houthis e reestabelecer Hadi no poder. (MOURA, 2019). A coalizão conseguiu estabelecer tropas em Áden e expulsar os houthis de boa parte do sul do país, mas Hadi ainda permanece no exílio. (BBC, 2018)

Os houthis permanecem em Saná e mantêm a cidade de Taiz, de onde disparam mísseis e artilharia em direção à Arábia Saudita. O conflito se intensificou em meados de 2015, quando os houthis lançaram um ataque à Riad, capital e cidade mais populosa da Arábia Saudita. O ataque foi prontamente retaliado através do bloqueio marítimo, terrestre e aéreo do Iêmen, que foi aprovado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (MOURA, 2019). Esta medida, contudo, acabou agravando a situação dos iemenitas, que não conseguiam receber sequer a ajuda humanitária vinda dos carregamentos das Nações Unidas. Após protestos da comunidade internacional, a Arábia Saudita levantou o bloqueio em 2017, mas a decisão sobre a entrada e saída do tráfego comercial e humanitário ainda permanece nas mãos das autoridades sauditas (MOURA, 2019)

Em setembro de 2019, os houthis assumiram a responsabilidade pelos ataques que atingiram duas refinarias sauditas em Abqaiq e Khurais, no oeste do país, o que afetou 6% do abastecimento mundial de petróleo e elevou a cotação do barril (ARANHA, 2019). Os ataques elevaram as tensões na região e levou alguns líderes mundiais a acusarem o Irã de dar apoio ao houthis para realizar os ataques.

### 3 Os houthis

Primeiramente, é preciso compreender que até 1990, o Iêmen era na verdade dois países: a República Árabe do Iêmen, no norte, e a República Popular Democrática do Iêmen, no sul. Eles se unificam em maio de 1990, quando Ali Abdullah Saleh torna-se chefe de Estado da República do Iêmen. O Norte é onde predomina uma corrente xiita do Islã chamada Zaidismo, que surgiu no século VIII e chega ao norte do Iêmen no fim do século IX. Durante muitos anos, os imãs governaram a região como líderes supremos, mas após o golpe republicano de 1962 e a consequente guerra civil, os zaidis, que tinham o apoio da Arábia Saudita, perderam espaço para os republicanos, que eram apoiados pelo Egito (FARRÉ, 2015).

O regime republicano tentava forjar uma identidade nacional iemenita e mulçumana sunita, o que acabou levando a uma marginalização do Zaidismo, que era taxado como um obscurantismo religioso. Essa política foi apoiada inclusive por muitos zaidistas praticantes, já que acreditavam que esse era o caminho do progresso. Ainda assim, o novo regime manteve a sua desconfiança em relação ao Zaidismo

---

e passa estimular a atividade de grupos salafistas nas regiões que antes era de influência tradicional zaidí. (FARRÉ, 2015)

Em resposta à essa política, surgem no fim dos anos 90 diversos movimentos que objetivavam recuperar a tradição zaidí no Iêmen, sendo o de maior destaque o Shabab al-Muminin, que tinha como um dos principais líderes Hussein al Houthi. Ele fazia discursos inflamados contra a chamada tirania judaica e cristã, contra os Estados Unidos e Israel e alertava sobre a ameaça do wahabismo - corrente sunita fundamentalista que predomina na Arábia Saudita. (FARRÉ, 2015) Os discursos ganham uma retórica mais forte em 2003, quando o então presidente Saleh apoiou os Estados Unidos na Guerra contra o Iraque.

Esses discursos acabaram incomodando Saleh, que sentia ter a sua legitimidade questionada e então ordenou a prisão de al Houthi. A prisão não chega se concretizar, mas é entendida como um novo ataque ao Zaidismo, levando a um conflito armado que se prolonga por anos. Al Houthi acaba morrendo em 2004 e a sua família passa a assumir o comando do movimento, que foi renomeado com o seu sobrenome, liderando diversas rebeliões no Iêmen. (BBC, 2019) Em 2011, o movimento se une aos protestos contra Saleh, que permaneceu trinta e três anos no poder. Eles dão início a uma série de ataques e conseguem assumir o controle da província de Saada, no nordeste do país. Como muitos iemenitas (inclusive sunitas) estavam frustrados com o seu governante, acabaram por apoiar o movimento rebelde.

#### **4 Qual o interesse dessa guerra para a Arábia Saudita e Irã? E para o resto do mundo?**

Um dos principais aliados internacionais dos Houthis é o Irã, que supostamente estaria fornecendo ao movimento rebelde armas e apoio econômico. Tanto os Houthis como o Irã têm interesses comuns na região, já que o Irã busca desafiar a hegemonia norte americana e também a saudita no Oriente Médio, enquanto os Houthis fazem oposição a Hadi, que é apoiado tanto pelos Estados Unidos como pela Arábia Saudita. (LAUB, 2015). Afirma-se que o apoio iraniano aos Houthis tem aumentado ao longo de tempo, mas muitos especialistas afirmam que os Houthis estão menos dependentes do Irã tanto na tomada de decisões como nas questões financeiras e militares, sendo que muitas das armas adquiridas pelo movimento teriam origem no mercado negro do Iêmen. (ESTADÃO, 2019) É preciso lembrar que o Irã e os Houthis são xiitas, mas seguem versões diferentes do xiismo. O Irã nega estar fornecendo armas aos Houthis, mas em 2017 foram interceptados no Mar Árabe carregamentos com rifles, munições, lançadores de foguetes e mísseis guiados com suspeita de estar indo do Irã para o Iêmen. (ESTADÃO, 2019)

A Arábia Saudita, que liderou a campanha para restabelecer Hadi, é a principal opositora dos Houthis na região. Isso ocorre por que Riad teme que a formação de um governo Houthi signifique o estabelecimento de um vizinho hostil que pode ameaçar a sua fronteira sul. (LAUB, 2015) Ademais,

---

Riad considera o Iêmen um território de disputa geopolítica com o seu rival Irã, e um ascensão dos Houthis ao poder significaria mais um aliado iraniano na região, juntamente com Iraque, Líbano e Síria.

A Arábia Saudita vem tentando conter o avanço da influência iraniana na região, mas até agora não obteve resultados significativos. Além da guerra no Iêmen, o apoio do Irã, juntamente com a Rússia, ao governo de Bashar al-Assad na guerra da Síria permitiu que as forças do governo vencessem as forças rebeldes apoiadas pelos sauditas. No Líbano, tradicional aliado do Irã, o grupo Hezbollah lidera um poderoso bloco político e controla forças altamente armadas. Em 2017, os sauditas obrigaram o primeiro-ministro libanês Saad Hariri a renunciar, mas ele adiou a renúncia e permanece no cargo até hoje. (BBC, 2019)

O combate indireto entre Arábia Saudita e Irã possui um objetivo que se relaciona e se identifica mais com a busca da maximização de poder e influência do que um mero conflito religioso entre xiitas e sunitas. (PEIXOTO, 2018) Enquanto os apoiadores de Saleh veem os houthis como extremistas religiosos, estes condenam o ex-presidente pelo seu passado de corrupção; o bloco controla uma milícia de aproximadamente 30 mil combatentes.

A estabilidade do Iêmen é uma prioridade dos Estados Unidos e seus aliados no Golfo Pérsico devido à sua posição estratégica: um dos vizinhos é a Arábia Saudita, o maior exportador de petróleo do mundo. Também é a base da Al-Qaeda na Península Arábica, um dos braços regionais mais ativos da Al-Qaeda, o mesmo que os EUA estão tentando enfrentar com uma combinação de ataques com drones e incentivando o combate antiterrorismo local e dando assistência em questões de segurança. Muitos temem que as vitórias do hutis possam aumentar as tensões sectárias e políticas da região. A Arábia Saudita, por exemplo, que é o principal poder sunita da região, acredita que os rebeldes recebem apoio militar, financeiro e político do Irã, que é seu grande oponente xiita na região. (BBC, 2015)

O slogan Houthi diz “Deus é grande, morte à América, morte à Israel, amaldiçoados sejam os judeus, vitória ao islã”. Mas apesar dessas palavras se apresentarem de forma tão comprometedora, o grupo clama por uma menor influência externa no território iemenita e não de fato a sua aniquilação. Dessa forma, o grupo não é contra a república e sim contra o atual governo. Em contrapartida, os apoiadores do ex-presidente Saleh alegam que o grupo Houthi objetiva derrubar o regime e reinstaurar o sistema rigoroso de monarquia religiosa que governou o país durante séculos. Além disso, a situação acaba tendo um caráter mais complexo quando há a percepção de que numerosos grupos lutam entre si dentro do Iêmen, incluindo facções do Estado Islâmico<sup>1</sup> e da Al-Qaeda. (RODER et al., 2016)

O grupo conhecido como Al-Qaeda da Península Arábica (AQPA) se aproveitou do caos instalado no país e do vácuo de poder e realiza um crescente número de ataques, sendo considerada a afiliada mais

---

<sup>1</sup> O Estado Islâmico do Iraque e Levante (EI) é um califado com atuação terrorista que controla regiões no Iraque e na Síria e baseia sua ideologia em interpretações radicais de determinados princípios do Islamismo. (SILVA, 2014)

---

perigosa do grupo terrorista. (EXAME, 2019) Os Houthis já entraram em conflito com o grupo diversas vezes, mas o avanço do movimento rebelde fez com que muitos líderes tribais se alinhassem à AQPA para combater o que passou a ser encarado como uma ameaça comum. (LAUB, 2015)

Ademais, como a coalizão saudita se concentra em derrotar os houthis, a AQPA pôde crescer com certa facilidade, mesmo que tenha tido pequenas derrotas, como a perda do controle da cidade de Mukalla, no sudeste do país, em abril de 2016 (EXAME, 2017). Os próprios bombardeios da coalizão estariam facilitando o crescimento do grupo radical, já que alimentariam o ressentimento contra americanos quando ocorre a morte de civis (EXAME, 2017).

## 5 Custo Humano

O Iêmen é o país mais pobre do mundo árabe e já enfrentava problemas econômicos e sociais. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que o conflito no Iêmen deixou 80% da população necessitando de proteção ou assistência humanitária, além disso, houveram as mortes de cerca de 10 mil civis. A guerra parece ser um tabuleiro onde enfrentam-se os interesses de países maiores e que ao mesmo tempo não possui a atenção da mídia tanto quanto o conflito sírio. O povo Iemenita está exposto a grandes sofrimentos como a fome, a morte de crianças e doenças como a cólera.

O Iêmen foi convertido na principal rota de envio de armas aos grupos fundamentalistas salafistas que atuam Síria, além de sediar a escola de formação de radicais islâmicos iemenitas e estrangeiros integrantes da Al-Qaeda e dos Wahabistas. Mesmo diante da catástrofe humanitária – segundo a ONU, em 2017, sete milhões de iemenitas dependiam exclusivamente de alimentos enviados pela organização em forma de ajuda humanitária – a Arábia Saudita segue financiando o conflito, além de já ter realizado diversos bombardeios, arrasando cidades e áreas rurais. Em 2015, o conselheiro da ONU para o conflito no Iêmen, Jamal Benomar, renunciou à função, denunciando a ação dos sauditas, que lançaram um bombardeio em meio às tratativas para um acordo. (COITINHO, 2018)

A Organização das Nações Unidas (ONU) acredita que essa seja a maior crise humanitária em curso, por deixar cerca de 22 milhões de pessoas em situação de vulnerabilidade. Em 2018, 85 mil pessoas foram forçadas a deixar suas casas por conta do conflito, além da escassez aguda de alimentos e destruição do sistema de saúde, considerando que em também em 2018 o número casos suspeitos de cólera chegou a 1 milhão. O Iêmen possui bloqueios comerciais que foram impostos pelos sunitas dificultando assim a ajuda humanitária e o recebimento de itens básicos como comida, gás de cozinha e medicamentos. Há cerca de 400 mil crianças sofrendo de desnutrição, ao menos 14,8 milhões de pessoas estão sem cuidados básicos de saúde, famílias desabrigadas e pessoas que fugiram para países vizinhos (BBC, 2018).

[...]O Plano de Resposta Humanitária 2019 para o Iêmen requer 4,2 bilhões de dólares para prestar assistência a mais de 20 milhões de iemenitas, mas o projeto encontra-se apenas 34% financiado. A população do Iêmen tem sido alvo de diversos possíveis crimes de guerra nos últimos anos, incluindo recrutamento forçado de crianças e abusos sexuais nas prisões [...] “Todas as partes (envolvidas) no conflito são responsáveis por inúmeras violações de direitos humanos, da lei

---

internacional e humanitária”, disse Kamel Jenoubi, presidente do painel de especialistas. “Algumas destas violações podem configurar crimes de guerra.” (ONU, 2019)

Atualmente, as Nações Unidas estão sendo forçadas a encerrar vários programas humanitários no Iêmen por conta da falta de recursos financeiros. Houve a promessa de que receberiam cerca de 2,6 bilhões de dólares para atender as necessidades urgentes, mas como foi mencionado anteriormente, menos da metade deste valor foi recebido. Dentre 34 programas, apenas 3 possuem recursos suficientes para funcionarem até o final do ano. O Escritório das Nações Unidas para a coordenação de assuntos humanitários (OCHA) informou que grande parte das campanhas de vacinação foram suspensas, assim como a aquisição de medicamentos e o apoio financeiro aos profissionais da área de saúde. Houve também consequências estruturais, como por exemplo a construção de 30 centros de nutrição que foram descartados, abrigos e centros de saúde mental para as mulheres. (ONU, 2019)

## **6 Considerações Finais**

O conflito no Iêmen não é puramente sectário, pois apesar de ter um pano de fundo religioso, há também questões geopolíticas e geoestratégicas que fazem com que o país esteja imerso em uma guerra com graves consequências humanitárias. Os houthis iniciaram o movimento rebelde a fim de recuperar a tradição do Zaidismo, mas as manifestações ganharam uma conotação política e levaram a uma escalada na questão da violência.

A importância do Iêmen no Oriente Médio é significativa, pois o país está no centro da balança de poder da região, poder este disputado pela Arábia Saudita e também pelo Irã. Até o momento, nenhum dos dois países parece disposto a abrir mão desta esfera de influência. Após os ataques das refinarias sauditas em setembro de 2019, Riad redobrou a atenção para o país e levou a uma escalada de tensões com o Irã, acusando-o de apoiar os houthis nos ataques.

Ainda que esta guerra não receba grande destaque na mídia internacional, os impactos já são sentidos pelo globo devido ao aumento do preço do barril de petróleo. Ademais, o vácuo de poder permitiu a ascensão da Al-Qaeda da Península Arábica, considerada um dos braços mais perigosos do grupo terrorista.

---

## 7 BIBLIOGRAFIA

AL-QAEDA ESTÁ “mais forte do que nunca no Iêmen”, diz relatório. **EXAME**, Mundo, 2017, 2 fev. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/al-qaeda-esta-mais-forte-do-que-nunca-no-iemen-diz-relatorio/>>. Acesso em: 31 out. 2019

ARANHA, Carla. Como ataque à refinaria saudita muda o jogo geopolítico no Oriente Médio. **EXAME**, Mundo, 29 set. 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/como-o-ataque-a-refinaria-saudita-muda-o-jogo-geopolitico-no-oriente-medio/>>. Acesso em: 18 out. 2019.

COMO ATAQUES a refinarias na Arábia Saudita afetam o mercado de petróleo e a tensão entre EUA e Irã. **BBC News**, Brasil, 16 set. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49713067>>. Acesso em: 17 out. 2019.

COITINHO, Rita. Ninguém se comove com o Iêmen?. **Portal Vermelho**, 14 maio 2018. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/311004-1>. Acesso em: 17 out. 2019.

CINCO PERGUNTAS para entender a rivalidade entre Irã e Arábia Saudita. **BBC**. Notícias, Internacional. 18 set. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49722711>>. Acesso em: 25 out. 2018=9.

CINCO PONTOS para entender a guerra civil no Iêmen, que já matou quase 10 mil em 10 anos. **BBC**. Notícias, Internacional. 05 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42234853>>. Acesso em: 09 out. 2019.

ESPECIALISTAS da ONU veem possíveis crimes de guerra cometidos no Iêmen. **Nações Unidas Brasil**, Brasil, 4 set. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/especialistas-da-onu-veem-possiveis-crimes-de-guerra-cometidos-no-iemen/>. Acesso em: 17 out. 2019.

FARRÉ, Juan Farré. **El movimiento huthi del Yemen**. Um actor crucial em um conflito peligroso. 9 abr. 2015. Disponível em: <[http://www.ieee.es/en/Galerias/fichero/docs\\_investig/2015/DIEEEINV02-2015\\_MovimientoHuthi\\_J.AvilesFarre.pdf](http://www.ieee.es/en/Galerias/fichero/docs_investig/2015/DIEEEINV02-2015_MovimientoHuthi_J.AvilesFarre.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2019.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Iêmen"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/iemen.htm>. Acesso em 17 de outubro de 2019.

GUIA DOS ATAQUES na Arábia Saudita: quem são os Houthis e por que o Irã é responsabilizado. **ESTADÃO**. Internacional. 16 set. 2019. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,guia-dos-ataques-na-arabia-saudita-quem-sao-os-houthis-e-por-que-o-ira-e-responsabilizado,70003012688>>. Acesso em: 24 out. 2019.

LAUB, Zachary. **Yemen in Crisis**. [Nova Iorque]: Council On Foreign Relations, 2015. 7 p. Disponível em: <[https://www.files.ethz.ch/isn/190632/Backgrounder\\_%20Yemen's%20Ci...pdf](https://www.files.ethz.ch/isn/190632/Backgrounder_%20Yemen's%20Ci...pdf)>. Acesso em: 10 out. 2019.

MOURA, Letícia. **Crise no Iêmen**. Entenda o que acontece no país! 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/crise-no-iemen/>>. Acesso em: 18 out. 2019.

ONU encerra programas humanitários no Iêmen devido à falta de recursos. **ONU Brasil**, [S. l.], 26 ago. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-encerra-programas-humanitarios-no-iemen-devido-a-falta-de-recursos/>. Acesso em: 17 out. 2019.

ONU alerta para novo aumento de mortes no Iêmen. **ONU News**, Brasil, 27 mar. 2019. Saúde. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/03/1666031>. Acesso em: 17 out. 2019.

---

PEIXOTO, Thaís. COALIZÃO SAUDITA NA REPÚBLICA DO IÊMEN: OPERAÇÃO RENEWAL OF HOPE. **UFRGSMUN**: UFRGS Model United Nations, [s. l.], ano 2018, v. 6, p. 252 - 309, 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ufrgsmun/2018/web/files/csi-orh.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

RODER, Henrique; SOPRANI, Carolina; JOMAA, Hajar; SCOMPARIM, João Victor; OLIVEIRA, Luisa; GARCIA, Poliana. CONFLITO NO IÊMEN, O CASO HUTI. **Academia**, [S. l.], v. 3, n. 2, 11 abr. 2016. Conflitos Internacionais. Disponível em: [https://www.academia.edu/32369928/CONFLITO\\_NO\\_I%C3%80AMEN\\_O\\_CASO\\_HUTI](https://www.academia.edu/32369928/CONFLITO_NO_I%C3%80AMEN_O_CASO_HUTI). Acesso em: 22 out. 2019.

SAIBA QUEM são os hutis, os rebeldes que derrubaram o governo do Iêmen. **BBC**. Notícias, Internacional. 23 jan. 2015. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150123\\_huties\\_rebeldes\\_saudita\\_fn](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150123_huties_rebeldes_saudita_fn)>. Acesso em 16 out. 2019.

SAVE THE CHILDREN, 2019. **Stop the war on children**. 2019. Disponível em: <<https://www.savethechildren.org/content/dam/usa/reports/ed-cp/stop-the-war-on-children-2019.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

Imagem: A GUERRA ESQUECIDA do Iêmen. **DW**, Mundo. 10 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-guerra-esquecida-do-i%C3%A0Amen/a-41327420>>. Acesso em: 31 out. 2019.

